

A CRÔNICA de Rubem Braga

ÁGUA E AR

NOSSA democracia está sofrendo misteriosas ameaças internas: notícias de Brasília dizem que são extraordinariamente numerosos os distúrbios intestinais. Representantes dos três Podéres queixam-se dêsse mal deprimente. A oposição, sempre faladeira, diz que é a água. Mas aqui está a palavra da autoridade e da ciência, isto é, do Dr. Mário Pinotti, Ministro da Saúde:

— A água de Brasília é saudável e não contém germes de espécie alguma.

Com isso tapou, o Ministro, a bôca dos caluniadores da inocente linfa. Mas, não podendo negar os desarranjos, o Ministro fornece uma hipótese:

— Devem ser distúrbios neurovegetativos.

Portanto não é a água; é o ar. Não o ar físico, o vento do planalto, que agita as palmas dos buritis e arrepiá a lisa pele verde da água das veredas. É o ar oficial, o clima urbano que está atacando os nervos.

Um amigo que estêve outro dia lá (e veio contente, porque o Dr. Juscelino mandou fazer o que êle queria, e entusiasmado, porque achou tudo uma beleza) já me havia contado:

— "Nos primeiros dois, três dias, tudo é novidade, a gente sente uma nobre emoção. Mas depois... Vi mais de um deputado e senador falando sozinho pelos imensos corredores do hotel. Outros ficam nos salões olhando ansiosamente a paisagem como se esperassem alguém ou alguma coisa e não estão esperando nada. Alguns se entregam ao biriba, outros ao uísque."

Insinuei alguma coisa a respeito de mulheres, e êle me disse que o artigo é raro e, no geral, ruim. Quando uma de nossas estimadas vigaristas surge na portaria do hotel de lenço na cabeça e óculos escuros, há um fogo concêntrico de olhares, uma aflição contida, um arrepio de esperança e um surdo rumor de guerra. Depois recai tudo no marasmo. Os grupos de homens formam-se e desfazem-se vencidos pela mesmice das conversas, arrasado pela chateação mútua. Uma estação de águas com chuva, uma viagem de navio parado, a modorra dos quartéis, a monotonia de uma prisão — uma prisão aberta de onde ninguém sai porque não tem aonde ir. Todos já viram tudo. Felizes apenas os que têm muito a fazer, a providenciar, a agir: Os outros — Executivo, Legislativo, Judiciário, Governo, Oposição, Imprensa, Burocracia, Cívica e Militares —, uma vez cumpridos seus deveres, cantam um cantochão imenso — de bocejos. É o tédio federal.

Dizem que em Camberra, nova capital da Austrália, os casos de alcoolismo e neurose cresceram tanque o Governo acabou determinando que o pessoal só precisava ficar lá seis meses por ano.

— Mas não há ninguém satisfeito em Brasília?

— "Claro que há. São poucos, mas sempre há alguns sujeitos que estão gostando, que sorriem, e até riem. Mas isso é pior, porque essa euforia irrita os nervos dos outros, leva-os a murmurar palavrões..."

Mas, enfim, a água é saudável.